

## Diversão &amp; Arte

AOS  
VENCEDORES,  
O ANONIMATO

QUINTO FILME DERIVADO DO MUNDO CRIADO POR SUZANNE COLLINS, O NOVO **JOGOS VORAZES** EXPLORA O PASSADO DO DETESTÁVEL PERSONAGEM SNOW, AFUNDADO NUMA REALIDADE DISTÓPICA E AMARGA. NOUTRO EXTREMO, BEM VINCULADO AO MUNDO REAL, O CINEMA DE NELSON PEREIRA DOS SANTOS MARCA PRESENÇA



Jogos vorazes: A cantiga dos pássaros e das serpentes traz novos rumos para a franquia

» RICARDO DAEHN

Pessoas somem, do nada, sob a desculpa de serem vitimadas por gripe, num ambiente em que soldados, chamados de “pacificadores”, atuam contra a civilidade, com pesados porretes: nesse cenário distópico de *Jogos vorazes* reside uma semente de maldade que eclodirá no corpo do ditador Snow (um marcante papel para o veterano Donald Sutherland). Tudo isso já foi visto em quatro filmes sequenciados, entre 2012 e 2015, e que, puxados pelo carisma de Jennifer Lawrence, na pele da combativa Katniss Everdeen, fizeram história nas bilheterias sob gordos orçamentos de US\$ 495 milhões.

Averiguar, dentre escritos da bestseller Suzanne Collins, a caminho da venda de 100 milhões de exemplares, as

origens para tanto mal contido em Snow puxa a razão de ser do mais novo filme: *Jogos vorazes: a cantiga dos pássaros e das serpentes*. À exceção do primeiro filme (de 2012), a cargo de Gary Ross, todos os outros longas levam a assinatura de Francis Lawrence, que explicou para a imprensa do exterior a razão de ter convocado o jovem Tom Blyth para reacender a chama maligna de Snow (herdada de Sutherland): “Os grandes olhos azuis tomam parte da crença (no personagem), o formato do rosto, a sofisticação e inteligência na atuação — isso sem contar a forma como Tom se comporta. No ponto fiscalidade, ele foi convincente. Tom, aliás, já tinha tudo”.

Violação de normas de jogos que oprimem moradores de distritos rebeldes, punições severas, desprezo por



humanidade e muita torcida estão no rastro do enredo capacitado ainda por Lucy Gray (Rachel Zegler). Lucy tem o futuro (e malévolo) presidente como mentor durante a realização da competição. Snow, pela vez, ainda estará sob a tutela da esperta personagem de Viola Davis, que, para a *The Hollywood Reporter*, brincou: “Só de perceber quantas vezes você pode fazer alguém se

contorcer — como foi com Tom Blyth — foi prazeroso (risos). Ao perceber a receptividade dele (a cada investida), fiquei muito feliz em cutucá-lo (ainda mais)”.

Com música original de Olivia Rodrigo e duração de duas horas e 37 minutos, o novo *Jogos vorazes* é pontuado por um fictício apresentador (papel de Jason Schwartzman), que insufla: “aproveitem o show”. No filme, que mergulha numa atmosfera distópica, há um espaço de respiro, que em algo lembra *Terra de ninguém* (1973), criação de Terrence Malick. Nesta fase da trama, a personagem Lucy, que leva o canto como armas e é sempre cheia de atitude, rende chance de destaque para a intérprete Rachel Zegler, que, com muita energia folk, faz lembrar a ativista Joan Baez. Manter o mistério em torno dos pássaros e das serpentes

é vital para não estragar a experiência de *Jogos vorazes*. Com retorno de US\$ 2.955 bilhões de lucros, no mundo inteiro, a saga segue apostando em conteúdo de conspiração, deserção, mobilizando aliados e mortes.

Com clima aterrador, instalado por atentados, empobrecimentos e encerrado numa tenebrosa área batizada de árvore-forca, o filme, orçado em US\$ 100 milhões e estrelado ainda por Fionnula Flanagan Peter Dinklage, dá conta de lastrear o nascimento da soberba de Snow. Instituído em 2008, na literatura de Suzanne Collins, o mundo de vingança, entre a Capital e os 13 distritos da trama, segue dando o que falar na trajetória da autora considerada uma das 100 pessoas mais influentes (pela Time) e sistematicamente presente na lista de mais lidos do *The New York Times*.

## ORÇAMENTOS DA FRANQUIA

JOGOS VORAZES (2012) **US\$ 80 MILHÕES**

JOGOS VORAZES: EM CHAMAS (2013) **US\$ 130 MILHÕES**

JOGOS VORAZES: A ESPERANÇA — PARTE 1 (2014) **US\$ 125 MILHÕES**

JOGOS VORAZES: A ESPERANÇA — O FINAL (2015) **US\$ 160 MILHÕES**

Crítica // Nelson Pereira dos Santos — Vida de cinema ★★★★★

## Arte moldada pela realidade

Entre as eternas “crises cíclicas” do cinema nacional, mencionadas por ele no documentário *Nelson Pereira dos Santos — Vida de cinema*, Nelson, nome singular como precursor de todo o Cinema Novo, pela vida perseverante, até a morte, em 2018. Primeiro cineasta eleito para a Academia Brasileira de Letras, há 17 anos, com excelência narrativa, é ele quem repassa (em concatenado material de arquivo), com riqueza de detalhes, toda a trajetória, neste documentário comandado pela dupla de cineastas Aída Marques e Ivelise Ferreira (essa, com formação em Brasília e na condição de viúva do criador de clássicos como *Memórias do cárcere* e *Como era gostoso o meu francês*).

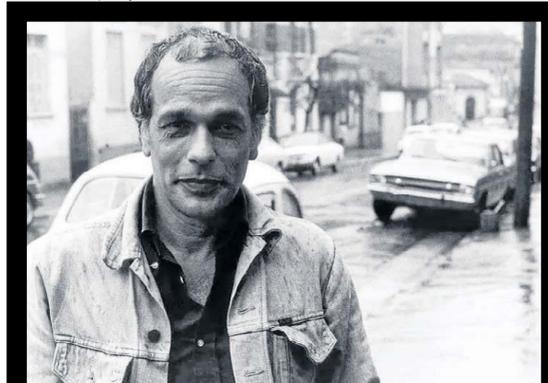
Nos divertidos relatos do mestre, a magnânima obra *Rio, 40 graus* (1955), que repercutiu na

motivação nova para se repensar o cinema no Brasil, é alvo de anedota suprema: “sucesso” na polícia, pelas sucessivas censuras, o filme, segundo ignorante (“como qualquer policial do mundo”, como diz Nelson) interlocutor dos governos imediatamente seguidores da era Vargas, foi questionado pela inverdade de pregar 40 graus para uma cidade que, no máximo, chegou ao calor de 39,6°. Na aritmética afetiva de Nelson, feijoadada mais roda de samba resultava em cinema. Daí, o longa que mostrava a realidade de cariocas pobres e foi gerido na dinâmica da comunidade do Jacarezinho resultou da vontade de “filar boia” na comunidade e da boa vontade de Humberto Mauro, capaz de emprestar, sem muita burocracia, equipamentos de repartição pública.

O novo filme ainda trata de episódios como o da feitura de *O justiceiro* (1966), criado com alunos “sem escola” (dado o fechamento de curso da UnB) de Brasília. Sob inspirada música de Tim Recala, o título esmiúça a passagem do jovem Nelson por bairros paulistanos do Brás e Bixiga, no qual desenvolveu a visão de cinéfilo, ainda bebê, no colo da mãe, a cada ida para o Cine Teatro Colombo. Noutra esfera, já com pano de fundo da Guerra do Vietnã, feminismo e drogas, Nelson trata do momento “exílio” (produtivo, em Parati), com Azylo muito louco (1969), e ainda pelo interesse pela “nouvelle vague mais radical”, e underground, orquestrada por Jonas Mekas e afins.

Redator do *Jornal do Brasil* e com a bagagem de conhecedor da dura realidade do Nordeste,

Globo Filmes / Reprodução



Nelson Pereira dos Santos no documentário *Vida de cinema*

Nelson trata, sem reservas, da criativa fase de feitura de *Vidas secas* (1963), precedido pelo “rascunho de nordestern (como identificado por Glauber Rocha), no inventivo *Mandacaru vermelho* (1960). No baú do admirador do

artista plástico Carlos Scliar e dos cineastas John Ford, Serguei Eisenstein, além do neorrealista Roberto Rossellini (que deu uma “sacudida na cabeça” de muitos), cabe muito mais da investida na mirada do povo, que tanto o inspirava. (RD)

## OUTRAS ESTREIAS

**Cafi**  
De Natara Ney e Lírio Ferreira. Documentário sobre o produtivo e talentoso fotógrafo pernambucano.

**How to have sex**  
De Molly Manning Walker. Vencedor do prêmio na seção Um Certo Olhar, no Festival de Cannes, revela a incendiária amizade entre jovens mulheres, por meio da mirada de uma cineasta mulher. Sexo, consentido (ou não) está em jogo. Com Mia McKenna-Bruce e Samuel Bottomley.

**Samsara — Jornada da alma**  
De Lois Patiño. Vencedor de prêmio paralelo no Festival de Berlim, mostra a amizade entre um budista e uma idosa. Uma espécie de orientação espiritual, regada à meditação, está em curso.